

Público

Editorial Nuno Pacheco

Belém com e sem Coches, uma ópera portuguesa

A mesma Belém que é hoje palco de uma batalha em torno do Museu dos Coches assistiu a um episódio insólito: um atraso numa ópera por culpas ministeriais

Belém é palco de uma batalha encarniçada em torno do Museu dos Coches, para o qual foi encomendado e existe já um projecto arquitectónico. Compreendem-se as razões. Desde 1975, quando foi construído o Museu de Etnologia, no Restelo, que não se erguia em Lisboa um edifício de raiz destinado a um museu. Centros culturais e de exposições sim, museus não. Tudo o que se fez foi emendar, ampliar, renovar espaços antigos e dar-lhes novos ares. Agora, quando há dinheiro e um projecto já feito (ver págs. 2 a 5), erguem-se vozes que questionam, de forma veemente, o que está em marcha e dificilmente parará.

Houve falhas no processo, naturalmente. Até 2006, falou-se no assunto sem grande convicção, porque o dinheiro faltava. Depois, quando o dinheiro chegou, vindo das contrapartidas pelo Casino de Lisboa, não houve suficiente discussão para apurar outra escolha (o protocolo estipula que seja construído um museu de raiz, mas não especifica que tipo de museu, o que podia abrir terreno a

outras alternativas). Agora, quando já há obras em curso, quando o projecto arquitectónico (pedido especificamente para os coches) já foi feito por um arquitecto brasileiro de renome mundial, a “zanga” chega tarde.

Belém, a necessitar de requalificação em vários espaços, ganhará com o projecto, Portugal também. Que a oportunidade seja, ao menos, usada para repensar a oferta cultural da zona, levando mais gente a museus injustamente mais desprezados.

Na mesma Belém que é hoje palco desta batalha museológica e também arquitectónica ocorreu, na noite de anteontem, um episódio insólito. Um espectáculo que não tinha em qualquer dos seus anúncios públicos a indicação de ser oficial ou de gala, sofreu um atraso de meia hora por causa de dois governantes: José Sócrates e José Maria das Neves, respectivamente primeiros-ministros de Portugal e de Cabo Verde. O primeiro chegou atrasado dez minutos, o segundo trinta. Entraram juntos, sob forte vaia (ver pág. 10).

Campanha negra? Ou falta de consideração pelo público que tinha pago bilhete e enchia a sala, com lotação esgotada há dias? As desculpas dos assessores do primeiro-ministro foram ainda piores do que o atraso: a culpa tinha sido de José Maria das Neves. Tinha? Não teriam o primeiro-ministro português ou os seus diligentes assessores pensado que a sala mereceria uma explicação prévia? Que os responsáveis do CCB pela exibição da ópera *Crioulo* não deveriam, a pedido do primeiro-ministro, ter pedido paciência para um atraso que já era previsível pelo menos desde que José Sócrates chegara ao local?

Agora que se aproxima o centenário da República, e enquanto se rearmam os coches da monarquia, parece que os governantes andam a tomar de empréstimo alguns hábitos à realeza, em particular os maus. Mesmo que a plebe já não seja submissa aos caprichos de suas majestades. É que uma má desculpa teria sido melhor do que o silêncio. E talvez a vaia fosse evitável. Assim, a ópera crioula foi uma ópera portuguesa. De mau libreto.